

JONATHAN ROCK



PRÉVIA

O SENHOR
DAS PEDRAS



O SENHOR
DAS PEDRAS



JONATHAN ROCK

O SENHOR
DAS PEDRAS



TODOS OS DIREITOS DESTA EDIÇÃO RESERVADOS À EDITORA PENDRAGON
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA
RAFAEL SALES

REVISÃO
ALEXANDRE GOMES

DIAGRAMAÇÃO
ALPHA 7 ESTÚDIO

EDITORAS
NADJA MORENO | DEBORAH FELIPE | CAROLINE FELIPE

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE.

Vivian Villalba CRB-8/9903

R672s Rocha, Jonathan de Sousa.
O Senhor das Pedras / Jonathan de Sousa Rocha. 1 ed. _ Rio
de Janeiro: Pendragon, 2024.
361 p.

ISBN 978-65-83009-07-4

1. Literatura brasileira 2. Ficção Científica I. Título. II. Autor.

CDD: B869.93

SÃO BERNARDO DO CAMPO - 2023, SÃO PAULO.



PUBLICAÇÃO ORIGINALMENTE EM LÍNGUA PORTUGUESA.
COMERCIALIZAÇÃO EM TODO TERRITÓRIO NACIONAL.

É proibida a cópia do material contido neste exemplar sem o consentimento da editora.
Este livro é fruto da imaginação do autor e nenhum dos personagens e acontecimentos
citados nele tem qualquer equivalente na vida real.

FORMATOS DIGITAIS E IMPRESSOS PUBLICADOS NO BRASIL



Teixo

Praia

**Castelo
em ruínas**

Fazendas

Tauriel

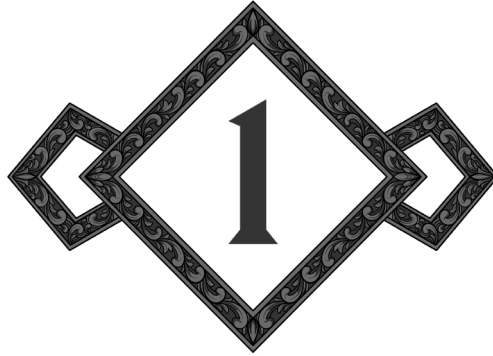
**Cidade
portuária**





1

A Cidade dos
Artesãos



Para Marcel Ehcie a noite estava bela, fria e silenciosa, porém sabia que toda aquela beleza lúgubre só trazia o agouro da barbaridade prestes a acontecer.

Ele andava fora das estradas da cidade de Nihil, nas colinas gélidas. Simplesmente tinha resolvido procurar o caminho mais curto para a escola, mesmo que fosse mais desconfortável e difícil de se caminhar, mesmo sem saber o motivo, pois agia por uma estranha vontade inconsciente. Já passara da meia noite, mas nem pensava que a escola para onde ia devia estar fechada, já que a única coisa que vinha à sua mente era chegar ao seu destino.

Estava com uma vontade estranha que o fizera parar de pensar, não sabia de onde ela teria vindo e nem mesmo queria saber. Toda essa vontade contradizia o estado em que ele estava, pois seu corpo estava à beira da queda; o frio fazia a superfície da sua pele arder, seus músculos se contraíam da dor causada de andar tanto em superfícies tão ruins, sua respiração ofegava como nunca antes, sentia-se como se houvesse uma coceira no fundo da mente que não conseguia alcançar. O corpo pedia para cair e nunca mais acordar.

Sua mente estava um caos, já não tinha mais uma memória homogênea, fagulhas de pequenas lembranças tomavam formas e desapareciam antes de serem lidas. A última coisa que lembrava desse tormento era de estar em casa tentando consertar uma prateleira de livros quebrada, até entrar em choque por algum motivo desconhecido e agora estar na caminhada.

Chegou na escola onde uma vez estudara, mas que naquele momento era onde trabalhava, era quase um pequeno castelo de pedra com apenas a biblioteca feita de madeira. Tal lugar pareceria amaldiçoado aos olhos de alguém, pois carregava consigo algum tipo de neblina invisível, uma tristeza que assolava toda e qual-

quer pessoa que entrasse lá. Essa sensação o fazia pensar que só existiria igual em lugares carregados por milhares de almas penadas, onde dor e desespero foram as únicas coisas sentidas por elas em vida. Porém, ele sabia que o que causava toda essa atmosfera era a monotonia do lugar, algo que se repetia numa rotina tediosa demais para quem procura algo a mais e que perturbaria tal pessoa de forma até mais terrível que qualquer assombração.

Estranhou o portão aberto àquela hora da madrugada, mas logo percebeu que as luzes do edifício de madeira estavam ligadas. Supôs que alguém com as chaves do portão estava na biblioteca. Perguntou-se se o seu objetivo lá era se encontrar com essa pessoa, pois até ali nunca nem tinha pensado em qual seria seu objetivo.

Entrando na biblioteca, o cheiro dos livros conseguiu tranquilizá-lo. Sentado em uma cadeira estava o bibliotecário do turno da tarde, olhava diretamente para o nada, enquanto parecia lutar para manter a calma. Ignorava Marcel como se toda a perturbação que demonstrava viesse de algo que acontecera havia pouco tempo, mas tinha terminado pouco antes da chegada do visitante. Marcel percebeu estar carregando o martelo que usava para pregar as prateleiras de sua casa, nem mesmo se dera ao trabalho de soltá-lo, mas agora seria útil. Ignorou o bibliotecário por ele também o estar ignorando ou nem soubesse de sua chegada, virou-se para a cômoda que parecia estar lá havia muito tempo, mesmo que se lembrasse de nunca a ter percebido. Martelou a tranca, ouvindo o bibliotecário se assustar a cada batida, porém não fazendo nada, porque provavelmente o que estava pensando era mais importante que qualquer coisa. Jogou o martelo no chão e tirou lentamente o objeto de dentro da gaveta, analisando atentamente. Era um livro feito de finas placas de pedra ásperas. A capa era um completo cinza, com as palavras *Dominus Lapidis* escritas em baixo relevo e o símbolo:

DOMINUS
LAPIDES



— Marcel, solta isso. — O bibliotecário só pareceu percebê-lo assim que pegou o livro.

Marcel tentou falar algo, perguntar o motivo de estar atrás do livro, algo que nem mesmo ele sabia, mas sua boca não se abria, como se falar não fosse necessário. Calado, virou-se para correr, mas o bibliotecário o derrubou no chão, pisando no seu peito e puxando o item. O ladrão, sendo sufocado e gastando todas as suas forças para manter o livro em suas mãos, chutou a barriga do bibliotecário, jogando-o para longe e o fazendo cair na mesa atrás dele.

— Você não pode pegar esse livro! — gritou o bibliotecário, avançando de novo contra Marcel, mas dessa vez não tocou no livro, ele segurou o rapaz pelo ombro e começou a socá-lo com toda a sua força, fazendo o ladrão perceber que, mesmo com dores e impactos, não soltava um único grunhido. — Você não pode! — Outro soco. — Você não pode! — Outro soco. — Você não pode!

A dor e o cansaço que Marcel sentiu o fizeram soltar o livro. O bibliotecário pegou o objeto pesado e se distanciou assustado, ofegando e tremendo, mas ainda feliz por não ter perdido o item; depois se virou por alguns segundos, pensando em onde pediria ajuda, mas logo Marcel conseguiu forças para ignorar a dor, pegou o martelo no chão e atingiu uma única e forte vez a cabeça do inimigo, fazendo o sangue derramar. O atingido soltou o livro, gritando de dor e cambaleando. Desesperado, o ladrão deu outra martelada, fazendo o bibliotecário cair no chão e, ainda em seu desespero por vencer a batalha, continuou martelando com toda a sua força e velocidade a cabeça do velho, manchando todo o chão de vermelho.

Só parou de bater muito tempo depois de perceber que a vítima já estava morta. Levantou-se, assustado e desesperado, tentando aceitar que aquilo fosse real, não conseguia acreditar que fora capaz de tirar a vida de alguém. Tentou chorar, tentou gritar de angústia com toda a sua força, mas sua face permanecia congelada na expressão de vazio que o fazia sentir mais ódio por não poder nem demonstrar o seu arrependimento. Ainda tentava sem sucesso entender o motivo de estar lá e ter feito aquilo.

Soltou o martelo, pegou o livro manchado de sangue e foi embora. Correu tanto pelas colinas gramadas que por muitas vezes caiu, rolou nas descidas e, coberto de sujeira e arranhões, se levantou, continuando com toda a velocidade e desespero que encontrava. Não queria de jeito nenhum ser encontrado, odiava ter se tornado um criminoso, mesmo imaginando que deveria se entregar, não conseguia parar a fuga. Ao chegar em casa, trancou a porta desastrado, jogou o livro na mesa e foi até sua cama, sentando-se e chorando de arrependimento. Após horas e com os olhos secos, já sem lágrimas, olhou para a frente, onde viu o grande espelho oval. Percebeu que sobre seus olhos era possível ver reflexos de chamas brancas flamejando. A chama se apagou e ele voltou a ter controle do seu corpo, lembrando-se da ordem que recebera.



A cidade de Nihil era uma província considerada sem importância em Roltiam, no nordeste da ilha, formada ao redor de uma estação de trem que ligava o arquipélago inteiro. O lugar tinha uma economia rural, com baixa densidade populacional e muitos fazendeiros, que normalmente também tinham como segunda profissão o artesanato de comidas, a segunda fonte de subsistência da cidade. Roltiam, em específico, era um pequeno país, um dos três que formavam o arquipélago no norte do oceano pacífico, chamado de arquipélago roltiano.

No cemitério da cidade acontecia o enterro de um homem assassinado brutalmente há pouco tempo. Não havia familiares, apenas as outras pessoas que trabalhavam com ele na antiga escola. Todos ficaram calados durante o evento inteiro e, ao terminar, todos demonstravam estar apressados para ir embora, saindo o mais rápido possível. O padre foi embora ao perceber que já tinha acabado, enquanto as pessoas se dissipavam, deixando apenas o rapaz, que parecia ser o único realmente triste.

Marcel Ehcie carregava sobre os ombros uma culpa que criava os seus lamentos noturnos, ele sentia, mesmo que soubesse que algo ou alguém tinha o seu corpo sob controle naquele momento, que era sua culpa a morte de Edgar. Eles se conheciam, pois ambos eram bibliotecários na escola, turnos os separavam, mas havia coleguismo. Marcel sabia que tentara o tempo todo se soltar daquele controle, mas pensava que poderia ter tentado mais e conseguido. Ou se não conseguisse, pelo menos deveria se entregar ao invés de deixar que um cientista forense inocente levasse a culpa por algo que não fez.

O que tinha acontecido é que, durante as investigações do assassinato, haviam encontrado o martelo usado, mas enquanto levavam para Quilliam, a capital de Roltiam, para analisarem e tirarem as digitais, o cientista forense do caso o jogara no rio, impedindo as análises da pista. O homem fora preso por ser considerado

cúmplice, mesmo ele tendo insistido que alguma força desconhecida o obrigara a fazer aquilo.

Logo Marcel percebeu que ao fim do enterro tinha restado mais uma pessoa ali, no canto, esperando ao lado de um carro caro. Um homem de terno bem cortado e postura inexpressiva, que tinha a má reputação, por todo o país, de ser um rico empresário da cidade grande que, na verdade, mandava em toda a agiotagem e tráfico. Ao tentar ir embora para evitá-lo, Marcel foi parado.

— Senhor Ehcie — disse o empresário Howard Luna, com uma voz mais serena do que parecia possível, assim que Marcel passou perto dele —, eu soube que você é o novo bibliotecário.

— Eu sou há muito tempo, só vou ter que pegar os dois turnos agora.

— Suponho que este lugar te deixe desconfortável para conversar. — O Senhor Luna parecia piscar em intervalos exatamente iguais, além de não se mover um único centímetro, mantendo a postura perfeita. — O senhor está disponível para uma entrevista de emprego?



Sentaram-se em uma lanchonete do centro de Nihil.

— Peça o que quiser — disse o Senhor Luna.

— E você? — perguntou Marcel, olhando cabisbaixo para as crianças brincando na rua.

— Não tenho interesse na culinária artesanal desse local.

— Tudo bem. Também não estou com fome. — Viu que uma criança se machucara na calçada e as outras a estavam ajudando a se levantar. O empresário começou:

— Há uma biblioteca perto de Nihil, no meio da floresta, uma biblioteca tão antiga que quase ninguém sabe da existência dela. Edgar Augustos tinha permissão de entrar lá, em um momento ele passou a enviar para mim escrituras importantes, que o velho que cuida do lugar o deixava pegar.

— Você quer que eu faça o mesmo?

— Já tentei mandar funcionários próximos a mim, só que o lugar onde fica essa biblioteca é uma área onde passam muitos indígenas, e o druida, o velho que manda no lugar, é bem estranho e desconfiado, então alguém que queira tomar as escrituras dele para lucrar com isso não consegue. O melhor jeito dele não desconfiar que tem algo por trás é se chegar uma pessoa da cidade mais próxima, que encontrou a biblioteca da floresta por acaso e quer saber mais pela pura curiosidade inocente de um amante de livros. Então o mais recomendável é você chegar lá como quem não quer nada, como fazia o Edgar.

— E o que você tanto quer com essas escrituras a ponto de pagar caro por elas?

— João fez uma profecia enorme sobre o fim dos tempos, com acontecimentos mágicos e monstros demoníacos surgindo no mundo para causar a discórdia. Ele estava errado. A humanidade criará a própria ruína. Finalmente o mundo vai ficar

em paz. As forças destrutivas criadas pelos humanos vão acabar com eles mesmos. São elas que eu estudo através dessas escrituras...

— Marcelzinho, que bom encontrar você! — exclamou uma pessoa que sempre seguia Marcel, sentando-se na mesa junto aos dois. O seu nome era Noah Ixion, uma pessoa com um alto grau de albinismo, que era ressaltado por só se vestir do mais impecável branco. O único contraste eram seus olhos de um violeta brilhante.

— Quem é o seu novo amigo?

— Noah, não é hora para brincadeiras — disse Marcel, olhando para baixo para segurar a raiva que sentia, pensava que finalmente tinha se livrado daquela praga por pelo menos um dia. Quando olhou de novo, Noah estava movendo as mãos na frente do rosto do Senhor Luna como se fosse uma atração.

— Olha, Marcel, ele não move os olhos! — Noah parou, encarou bem de perto os olhos azul-escuros de Howard Luna e fez algumas caretas, tentando fazer o rosto dele tomar alguma expressão. — O que você é? Um alienígena? Achei que só aparecessem nos Estados Unidos.

— Desculpe-me — disse Howard—, mas estou em uma reunião de negócios, então peço que, se quiser brincar com o meu sócio, que faça em outro momento. — Pela primeira vez, Howard mostrou alguma uma expressão: de dúvida. — Devo chamá-lo de senhor ou senhorita?

— Ah, não, por que todos tem que começar com essas perguntas? Acabei de te conhecer e você já acha que tem intimidade para uma pergunta constrangedora dessas? Sou o que eu quiser, sabia? Se eu for um helicóptero de combate, o que você tem a ver? A partir de agora, meu pronome de tratamento vai ser Vossa Alteza, e se você não se referir assim a mim, vou te cancelar, tá?

— Vamos conversar lá fora. — Marcel se levantou e puxou o braço de Noah. — Daqui a pouco eu volto sem ele — disse “ele”, porque, pelo menos naquele momento, Noah estava vestido com roupas masculinas.

— Espera, eu gostei do seu amigo! — Noah tentava resistir ao ser puxado para fora. — Talvez ele seja um vampiro, imagina como deve ser emocionante namorar um vampiro!

Assim que passaram pela porta, Marcel jogou Noah no chão, passando pelos dois degraus da entrada da lanchonete.

— Mais cuidado, sou carga frágil, nunca ouviu falar que quebrou, pagou?!

— Você não sabe me deixar em paz por um único segundo?

— Temos um assassino de bibliotecários à solta, você precisa do seu anjo da guarda. — Batia as mãos na calça branca para tirar a poeira.

— Vou falar pela milésima vez. Deixe-me em paz.

— Já que insiste.

Assim que Marcel se virou para entrar de novo na lanchonete, Noah o seguiu, fazendo Marcel o empurrar de novo; dessa vez ele desviou.

— Você não me ouviu?

— Prometo que não vou me aproximar de você hoje, é só que deu vontade de tomar um milkshake...

— Sem milkshake! — Em seguida, Marcel bateu a porta da lanchonete, ao que os funcionários não reclamaram, por estarem igualmente ansiosos para expulsar aquela pessoa. Voltou para a mesa. — Não adianta bater cabeça para descobrir o sexo biológico dele, só vai na onda do que ele estiver se sentindo no dia, senão vai ter um chique e é pior para todo mundo... — Parou ao notar que Howard Luna estava ocupado com uma ligação.

— Desculpe-me por não poder continuar nossa entrevista, tenho uma emergência para resolver. — Já ia embora, mas parou. — Você conhece Agatha Devon? É uma funcionária minha que mora nesta cidade, você pode continuar tratando com ela sobre a proposta de emprego. Ela também sabe que foi você que cometeu o assassinato.



Aquela manhã estava amena, como todas as manhãs na pacata cidade de Nihil. O lugar sempre se mantinha do mesmo jeito, uma brisa fresca, a grama pálida cobrindo todas as colinas e as poucas construções, às vezes uma cerca ou um muro de pedra com o objetivo de separar um curral ou uma plantação das estradas. Marcel estava passando por uma estrada, na qual de um lado havia um pomar de árvores frutíferas.

— Marcel! — chamou uma mulher colhendo maçãs em uma árvore.

— Senhora Curie, parece que as suas árvores não estão mais dando tantas maçãs.

— Essa é a primavera mais fria da história. Pega uma para eu ver se ainda tenho jeito com essas frutas. — Ela jogou uma maçã por cima do baixo muro de pedra, ele pegou e provou.

— Ainda prefiro as suas sidras.

— Vou te dar uma garrafa quando terminar essa safra, pelas aulas que você estava dando para o meu filho.

— Prefiro um envelhecido.

— Pedir demais é feio!

— Tudo bem, preciso ir, Senhora Curie, tchau.

— Tchau.

Voltou a andar pela estreita estrada por alguns minutos, até perceber que estava longe da casa da fabricante de sidra; jogou a maçã na plantação ao lado, enquanto cuspiu o pedaço que mordera; andava com muito pouco apetite e não tinha afeição por maçãs.

Já na casa de Agatha Devon, tocou a campainha e a viu sair apressada dizendo:

— Vamos dar uma volta para conversar, não quero atrapalhar minha mãe.

— Claro.

Apesar de estar lá por pedido de Howard Marcel, tinha a conhecido quando estudava na escola de Nihil, porém não falava mais com ela, isso o deixava sem jeito para trocarem experiências.

Enquanto andavam, Agatha puxou assunto:

— Com o que você está trabalhando? — Parecia ter medo de que falar de uma vez no hipnotizador pudesse levá-los aos muitos assuntos do passado que tinham deixado de lado.

— Sou bibliotecário na escola de Nihil.

— Ouvi falar que ele tinha morrido.

— Turnos diferentes, agora vou pegar os dois.

— Entendi, é bom? Trabalhar com essas coisas... chatas?

— Não faço nada além de catalogar cada vez que alguém pega ou devolve um livro e arrumar todos eles nas prateleiras. Resumindo, é muito chato.

— E você não prefere encontrar algum trabalho menos chato, ou sei lá, fazer uma faculdade? Tipo, você é jovem.

— Não acho que seja, por mais que pareça, então prefiro continuar aqui, na terra onde nada acontece, passando a vida fazendo nada. Tive sorte em terem me arranjado esse emprego quando terminei a escola, porque senão estaria sem fazer nada na casa dos meus pais.

— Entendi... então... acho que não tem o que eu possa fazer. — Ficou olhando um pouco para o céu, tentando pensar no que falar. — Estou morando em Quilliam, sabia? Só vim visitar a minha mãe. Realmente, lá é muito agitado, eu me acostumei, mas de vez em quando é melhor tirar férias. Lá não tem as mesmas paisagens daqui e nem toda essa cantoria de pássaros. Gosto daqui...

— Você pode parar com o papo furado? — Marcel reclamou. — Se fosse para perder tempo com futilidades eu estaria sozinho, só estou falando com você porque tenho um assunto a tratar.

— Nossa, você continua chatão, hein?! Quando eu tô aqui em Nihil, só quero passar o tempo sem fazer nada, mas aí meu chefe me ligou avisando pra resolver esse problema, então vamos lá, né. Você só vai ter que ficar levando as escrituras que conseguir na biblioteca e ele vai te pagando conforme a importância delas, não tem perigo de você se envolver em nada criminoso e pode continuar sua vida normal. Normalmente o chefe me manda viajar por toda a Roltiam para resolver as coisas dele, então você nem vai precisar sair da cidade, eu mesma levo as coisas para ele...

— Eu sei disso, o que me preocupa é outra questão. Seu chefe disse que vocês dois sabem que o assassinato do Edgar, que ainda está em investigação, foi cometido por mim. Tenho quase certeza de que o seu chefe deve ter arranjado um jeito de me encobrir para me manter nesse tal “emprego”. Mas saber que você, que é da mesma cidade, está ciente, me causa medo das pessoas aqui acabarem sabendo.

— O Howard não encobriu nada, cara, a merda que você fez foi encoberta naturalmente.

— Como assim?

— Você não deve ter percebido, mas meu chefe percebeu. Você não é o único com isso de “alguém controlou meu corpo para fazer algo errado”, na real isso tá acontecendo em Nihil já faz tempo, mas ninguém percebe, porque ou não descobrem, ou descobrem e ficam achando que a pessoa fez por algum motivo específico. Quer dizer, é claro que você foi o primeiro que chegou ao ponto de algo tão grande quanto matar outra pessoa, mas sabe o que isso significa?

— Tem alguém em Nihil que está ordenando as pessoas a fazerem coisas, mas por quê?

— Eu sei lá — reclamou Agatha —, meu chefe e o pessoal dele tão tentando investigar isso. Deve ser muito louco ter alguém aqui que controla outras para cometer crimes, mas não adianta ficar perguntando para mim, eu não tô nem aí, só faço os trabalhos que o chefe manda.

— Entendi, mas, pelo que você sabe, se eu fui o primeiro a assassinar, quais crimes normalmente os outros são ordenados a fazer?

— É tudo tentativa de assassinato, você só foi o primeiro que conseguiu. Por exemplo... — Enquanto andavam, Agatha apontou para uma casa, à beira da estrada, onde havia uma ambulância. — Aquela é a senhora Aldous, ela sempre tá na cadeira de balanço na varanda. Pelo que eu soube logo que acordei, ela tá desde bem cedo em choque, por isso os socorristas tão lá. É de vez em nunca que esses problemas acontecem, mas acho que foi o que rolou essa noite. Ela recebeu a ordem para matar, mas tá passando mal, porque tá tentando, mas é velha e fraca demais pra sequer sair da cadeira, quem dirá ir andando atrás de alguém.

— Agora que você falou, faz sentido — disse —, quando aconteceu comigo, minha mente e meu corpo ficaram horríveis, uma pessoa que já seja velha e fraca o suficiente para aguentar, talvez só fique passando mal até morrer. — Marcel notou que, além das pessoas da ambulância tentando conter o choque que a velha estava tendo, também havia o neto dela lá, um jovem que tinha estudado junto com ele, então não perdeu tempo em se aproximar da varanda para questionar. — Dante, o que está acontecendo com a sua avó?

— Ah, oi, Marcel. Ela parece estar tendo um ataque de pânico ou algo assim, por causa dos problemas dela. Tipo, ela já estava com Alzheimer e demência, só que nunca foram tão graves a ponto de serem preocupantes, mas hoje... parece que teve um ataque tão horrível que não tá conseguindo falar, nem se mexer, fica só se debatendo na cadeira.

— Por que não levam ela para o hospital? — Marcel disse ao olhar as pessoas tentando acalmar a velha.

— Ela não quer sair; como eu disse, tá muito mal, nem consegue explicar o que tá passando.

— Espero que uma casa de repouso resolva...

— Ei, você é amigo da Agatha agora? — Dante perguntou, vendo que a moça estava ao longe na trilha, enquanto só o Marcel se aproximara. — É que ela tem tantos problemas com a minha família que minha avó pode ficar mais estressada...

— Eu não ligo — Marcel falou, se aproximando da cadeira de rodas.

— Você pode não se aproximar muito? — perguntou um enfermeiro.

— Não. — Marcel se agachou para conseguir ver melhor as expressões da velha, seus olhos se reviravam para todos os lados. — Ela disse alguma coisa entendível?

— Basicamente sobre ter se esquecido de algo, o choque deve estar afetando muito o Alzheimer, agora tem como você se distanciar um pouco? — Dante reclamou.

— Claro, me desculpe, eu só estava preocupado, mas agora tenho que voltar pro meu trabalho.

Desceu da varanda e saiu com Agatha pela trilha, em seguida continuou falando:

— Foi algo sobrenatural mesmo, o jeito que ela tá não gera dúvidas, acho que vai acabar piorando até morrer.

— Você pode ter mais consideração na hora de falar dela?

— Como eu falo de quem morre não muda nada. E você, o Dante falou que você é cheia de problemas com a família dele, lembro-me muito bem de quando éramos novos.

— É diferente — reclamou Agatha, já assumindo a frente na trilha em que caminhavam —, quando estávamos no ensino médio, eu e meu namorado, na época, víamos o Dante e ficávamos zoando, porque ele era super perturbado e tal. A gente praticava *bullying* e estávamos errados por isso, a gente era novo; desculpa por isso, mas é diferente de você, adulto, ver a avó do cara à beira da morte e ser grosso desse jeito, não estar nem aí.

— Tenho mais o que fazer do que me preocupar com isso.

— Tipo ficar sozinho, sem fazer nada?

— Tipo cuidar da minha vida.

— Marcel, tenho uma dúvida, você está preocupado com algo ter feito você cometer um assassinato. O que realmente te preocupa, uma pessoa ter morrido ou a sua integridade ter sido manchada?

— Os dois.

— Que mentira. Me diz uma coisa, já posso voltar pra minha casa ou você ainda tem algo a resolver com meu chefe? Porque eu deveria estar de férias.

— Tem mais uma coisa.

— O quê?

— Você disse para conversarmos enquanto dávamos uma volta pelas trilhas de Nihil só para não atrapalhar sua mãe. Mas, pelo que sei, sua mãe está no trabalho a essa hora.

— Tá bom, tenho que admitir, tinha outra pessoa na minha casa que eu não queria que você visse...

— Não — interrompeu Marcel —, você disse pra gente dar uma volta, mas guiou a caminhada inteira em linha reta em direção à costa. — Marcel continuou seguindo na mesma direção, firme, como se a desafiasse. — Achei que você queria me levar direto pra casa da senhora Aldous, mas é mentira, estamos continuando na mesma direção, não é?

— Você que tá andando reto, quase correndo, eu só tô te acompanhando...

— Estou seguindo na direção que você estava tentando me levar, porque eu sei o que é. — Finalmente chegou à costa, saindo da trilha e parando um pouco no gramado anterior aos penhascos que davam no mar. — Você queria me trazer para cá desde o começo, não é?

— E por que eu iria querer te trazer para cá?

— Você tá dizendo que quer voltar pra casa, mas suas ações dizem o contrário. — Marcel suspirou para explicar. — Com certeza você não sabia disso, mas antes do domínio sair do meu corpo, eu me olhei no espelho. Vi uns reflexos de chamuscas brancas nos meus olhos naquela hora, num sol desses é difícil notar, mas não tinha nenhuma luz dessas nos olhos da Senhora Aldous e tem nos seus até agora.

— Mas eu... — Agatha tentava falar, mas uma dificuldade ofegante a deixara completamente calada, evidenciando que não sabia por que, naquele momento, estava se aproximando dele.

— Isso, parece que a gente encontrou alguém que está sob controle... — disse Marcel já segurando no braço dela. — Eu não vou deixar você me matar, então vamos ver o que seu chefe vai achar de...

O empurrão que Agatha deu nele o jogou ao chão com tanta força que mal conseguiu acreditar que ela era tão forte. Ao se levantar, foi pego pelos pulsos e empurrado em direção à beira, demonstrando algo que não esperava, que junto ao controle havia um ganho de força física grande o suficiente para fazer aquela mulher vencê-lo em força.

— Que merda, Agatha, você estava falando agora a pouco, está me ouvindo? — Ele olhou para trás e viu que estava a poucos metros do penhasco que levava para o mar; se caísse todos aqueles metros não haveria como sobreviver. Mesmo quando tentava se soltar dela ou caía no chão, ela conseguia segurá-lo e voltar a empurrar, numa luta que ele não tinha chances de vencer. — Eu sei que você está me ouvindo, já que você sabe mais que eu, você deveria saber algo sobre como resistir... — Não adiantou, dessa vez, caiu já numa beira tão inclinada que teve que se segurar na

grama para não rolar em direção à queda. Assim que Agatha se abaixou para terminar de jogá-lo, foi interrompida.

— Com licença. — Fora dito por alguém que cutucou o ombro de Agatha por trás, fazendo Marcel perceber ser Noah Ixion, que devia tê-los seguido. — Olha, eu recomendo a vocês não ficarem de pegação aqui, sei que a paisagem é muito linda, mas é perigoso. As pessoas costumam não prestar muita atenção, principalmente quando chegam na segunda fase da pegação.

Ignorando Noah, de repente Agatha empurrou Marcel, que gritou assim que as mãos dela se soltaram das dele, mas, instantaneamente, Noah conseguiu, sem esforço, segurá-lo e puxá-lo de volta, jogando-o ao chão numa área firme.

— Nossa, o que ele fez para te deixar tão brava? — A Noah (estava com roupas femininas) falou para Agatha como se fossem amigas. — Agora fiquei curiosa sobre isso, tipo, para você querer matá-lo, o que ele fez? Te traiu com o seu cachorro?

De repente, Agatha tentou segurar Noah para empurrá-la, mas, surpreendentemente, no instante seguinte era Noah que segurava os pulsos de Agatha, pois era ainda mais forte que ela, não parecia fazer nem o mínimo esforço.

— Mais cuidado, as pessoas não costumam tocar em mim. Sou eu que toco nas pessoas. — Soltou os pulsos da Agatha. — Mas acho que sei o que houve, você deve ter ficado com ciúmes do Marcel comigo. Mas não se preocupe, ele nunca quis nada comigo, o que me fez me jogar nos braços de outra pessoa: a gótica rabuda dos sonhos de qualquer pessoa. Ei, por que você não fala nada? — Beliscou a bochecha de Agatha.

Agatha tentou de novo segurar Noah para empurrá-la do penhasco, porém, mais uma vez, assim que Marcel se deu conta, Noah já estava segurando forte os pulsos dela.

— É, parece que você não tem jeito, quando rola traição não tem como resolver no diálogo. — Com um empurrão, Noah jogou Agatha de cima do penhasco. — Nossa, caiu que nem bosta.

— Não! — gritou Marcel correndo para o penhasco, chegando a tempo de ver Agatha muitos metros abaixo, colidindo com as pedras erguidas acima do mar e depois o sangue sendo levado pelas águas. Ofegou, tentando assimilar o que tinha acontecido e olhou devagar para Noah, com toda a raiva que poderia sentir naquele momento. — Você a matou...

— Ela não quis colaborar. — Noah fingia estar olhando as unhas, o que era impossível, por estar usando luvas de seda.

— Ela estava sendo controlada... não tinha culpa... não queria fazer aquilo!

— Ah, me desculpe, eu devia ter deixado você morrer. — Noah fingiu que se importava. — Acabei pensando que ela fosse a assassina de bibliotecários.

Era por isso que todos da cidade odiavam Noah Ixion.



Noah, em seu pleno tédio, talhava um lápis que encontrara na casa de Marcel com um lindo canivete banhado em paládio. Logo a lâmina se soltou da madeira e acertou o seu dedo. Tirou as luvas o mais rápido possível e chupou o corte. Esfregou devagar as luvas de couro branco no rosto, sentia o cheiro hipnotizante do seu sangue, era diferente do das outras pessoas, era um aroma perfeito que não encontrava em nenhum outro lugar. Olhou para o grande espelho oval na parede ao longe, vendo no seu reflexo que sua pele lisa e branca como leite estava manchada de sangue das luvas. Tirou um lenço branco do bolso do terno e limpou cada sinal de vermelho. Logo levantou o lenço pela ponta na frente da lâmpada. O sangue parecia brilhar enquanto se dispersava, cobrindo o puro branco de forma hipnotizante aos seus olhos. Aquela cor o deixava angustiado, isso o fazia apreciá-la sempre que via, pois poucas coisas conseguiam produzir nele sensações ruins.

Marcel estava sentado em sua grande mesa de madeira talhada, tentando ler; jogava sempre o livro no chão após em média 10 minutos de leitura e corria para as prateleiras para procurar outro. Repetiu o padrão por muito tempo, nada conseguia satisfazê-lo em meio ao seu nervosismo, causado pelo assassinato da moça, que Noah tinha jogado do penhasco.

Noah se levantou, calado, e foi em direção ao piano de cauda, apertando as teclas uma a uma. Nunca entendera aquelas 88 teclas, até Marcel ensiná-lo a tocar pouco tempo antes.

— Noah, por favor, me desculpe... me desculpe por ter agido daquele jeito... eu só... eu só...

— Cale-se — sussurrou Noah para si mesmo, tão baixo que não era possível ouvi-lo. Tocando repetidas vezes a mesma tecla branca do piano.

— Eu só estava nervoso. Sei que ela tentou me matar, mas... foi uma morte desnecessária, se nós a tivéssemos contido, dava para levar pro chefe dela estudar o que era aquele controle. E agora? Estive relacionado com a morte de duas pessoas, isso é problemático demais...

— Cale-se — sussurrou Noah mais uma vez, tocando a tecla exatamente no mesmo ritmo que Marcel falava, de forma que o som tomava cada vez mais ênfase naquela casa.

— E aquela velha, a senhora Aldous, ela também morreu. Tenho uma hipótese do que pode ter acontecido a ela. Ela não estava sob o controle de ninguém, o que estava causando aquele choque eram seus problemas de memória. Acho bem possível que ela, que tá sempre na varanda, tenha visto a Agatha dando uma volta com quem quer que tenha tomado o controle dela. O monstro, seja lá como você quiser chamar, notou a velha e usou algum artifício para mandar a velha esquecer o que viu. Ela, mal como estava pela velhice, acabou passando mal até morrer por causa disso. Parece ser a possibilidade mais provável, mas o que diabos essa pessoa quer fazendo os cidadãos tentarem assassinatos? Isso é muito...

Noah simplesmente parou de tocar a tecla e Marcel se calou, estabelecendo um longo silêncio pela casa. O garoto albino se sentiu aliviado, ele amava o silêncio quase tanto quanto amava a própria voz; adorava falar, mas odiava ouvir os outros, principalmente Marcel, que só falava chatices.

— Noah — disse Marcel, quebrando o silêncio —, como você sabia que eu estaria naquele lugar?

— Ah, ouvi você conversando com aquele seu amigo alienígena vampiro e ele disse para você encontrar a Agatha. A partir daí foi só eu seguindo vocês, porque eu não tenho nada melhor para fazer além de *stalkear* ou ficar de vela de algum casal.

— Não, você não ouviu — Marcel se levantou, ficando cara a cara com o Noah.
— Eu estava olhando pela janela, vi que você estava indo embora.

— Então você supõe que só porque estava longe eu não estava ouvindo vocês?

— É.

— A mente de vocês deve ser um inferno. Olha isso. — Apontou para cima e, no momento seguinte, alguém bateu na porta. — Ouvi se aproximando de longe, meus ouvidos são bons para essas coisas. Mas agora vamos pro dilema. Quem será a essa hora?

— O hipnotizador... — Marcel supôs. — Ele veio de novo...

— Não, você me disse que ele toca a campainha. — Noah prestara o máximo de atenção em como a pessoa batia desesperada na porta. — É alguém fugindo de algo.

Os dois se aproximaram o mais rápido possível da porta, ouvindo uma voz feminina pedindo socorro com todo o desespero possível. Assim que Marcel abriu

a porta, caiu para dentro uma garota que Noah conhecia apenas por vista na escola. Ela ofegava e suava enquanto se levantava do chão.

— Ajudem-me! Vocês precisam me ajudar! — suplicou, segurando assustada no colete do Marcel. — Um homem... ele... ele estava atrás de mim, com uma faca! Com uma faca!

— Noah, vá procurar esse homem.

— Sim, vossa alteza.

Noah saiu na varanda da casa, percebendo que o lugar estava vazio, havia apenas as árvores pelos lados da estrada, árvores tão finas que não era possível alguém se esconder. Anões de jardim pareciam ser a única coisa humanoide no cenário. Logo se perguntou se o perseguidor teria se escondido atrás da casa, mas ele teria ouvido o som dos passos do homem.

— Rápido! — gritou Marcel ao perceber que Noah estava parado.

— Não enche! — Em seguida Noah começou a correr pela estrada de terra, descendo e subindo no relevo por talvez 7 minutos, quando viu algo que o animou. — Maçãs! *Bon appetite!* — Pulou em cima do baixo muro de pedra e pegou uma da macieira e mordeu. — Delícia.

— Seu moleque! — gritou a dona do pomar, saindo da sua casa apressada e jogando uma pedra em Noah.

— Que violência, visitas surpresa deveriam ser mais apreciadas — disse esfregando a área machucada.

— Se você continuar com as suas brincadeiras eu vou chamar a polícia! Não estou nem aí para quem você seja!

— Você não acha errado negar comida para os esfomeados?

— Você não é um esfomeado, só quer me provocar!

— Não se ache especial. — Pulou de cima do muro de volta à estrada. — Eu provoco todo mundo. Espera, eu tinha algo para resolver, ah, o perseguidor. Desculpe, adoraria uma guerrinha para ver quem ficaria com as maçãs, mas minha agenda tá cheia. — Assim que ele voltou a correr, sentiu outra pedra se aproximando e, de brincadeira, atirou a maçã na testa da mulher, o que a fez cair no chão com um grito. — *Home Run!* Com uma rebatida dessas devo ter ganhado todas as maçãs, quando minha agenda estiver livre volto para buscar!

Voltou a correr sem se importar com os gritos de raiva que a mulher dava. No caminho, encontrou o dito perseguidor. O homem olhava assustado para Noah, tremendo de medo, chorando descontroladamente e segurando a faca de cozinha que quase caía da sua mão pela tremedeira. O rapaz branco se aproximou devagar dele, reconhecendo ser alguém que estudara junto com o Marcel e que o Noah conhecia bem.

— Dante, calma. — Noah mostrava as mãos para Dante enquanto prestava atenção nas minúsculas chamas brancas no fundo de seus olhos. — Sua avó morreu, eu sei, mas isso não é motivo para enlouquecer. Já perdi meu hamster.

As chamas sumiram e, de repente, ele brandiu a lâmina furiosamente, assustado. Noah se distanciou, vendo a lâmina quase tocar os seus pulsos.

— Como eu posso ter calma?! — Dante gritou, apontando a faca tremente para Noah. — Eu... eu... O que aconteceu comigo?

— Dante, Dante, por isso eu gosto de você, você sempre deixa as coisas mais interessantes. — Noah sorriu. — O medroso da escola, esse era você. Isso não é legal? Ser especial e essas coisas?

— Não se aproxime!

— Você acha mesmo que eu vou ficar assustado com isso? — Noah se aproximava do Dante como se não houvesse perigo nenhum, mantendo sempre o seu sorriso no rosto. — Você está tremendo mais do que eu, parece que vai desmaiar a qualquer momento. É engraçado, porque você tinha ficado chato, todo calmo. Olha. — Exatamente quando Dante iria atacá-lo, Noah segurou a mão que carregava a faca. — Mesmo com tanta força, você mal consegue segurar a faca. — Com um movimento entre os dedos de Dante, Noah tomou a faca de sua mão. — Uma faca, tanta coisa melhor que você poderia usar para ameaçar alguém, um pé de cabra, um arpão, um pônei. Faca já é clichê, você tem que aprender a surpreender. Já assistiu “O Massacre da Serra Elétrica”? — Jogou a faca longe. — Estou meio decepcionado com você, Dante. Você sempre me decepciona.

— Você... — Dante recuava assustado. — Você é um monstro! — gritou e saiu correndo pela estrada reta.

— Monstro, que ofensivo. Devo ter exagerado na maquiagem. — Limpou a garganta. — Da próxima vez, tenha mais respeito quando for falar com uma dama! — gritou. — Esses homens nunca escutam, né, meninas?

Voltou andando para a casa de Marcel, pegando outra maçã no pomar e vendo a dona dentro de casa o olhar pela janela com um calo na testa, mas sem ter coragem de o enfrentar. Fez questão de colocar a maçã inteira na boca, mastigando e engolindo sem o menor esforço.

— Cheguei! — disse, entrando extravagante e contente na casa e vendo a garota sentada em uma das poltronas vermelhas. — O cara tava controlado pelo hipnotizador, como você disse. — Aproximou o rosto ao de Marcel, que estava sentado em frente à garota. — Pelo menos sei que é verdade, você não estava sob efeito de drogas.

— Nós vamos decidir o que faremos com ele depois. Tem algo importante agora.

Noah se sentou na mesa de madeira, pegando o lápis e o canivete e começando a talhar. Viu Marcel se aproximar da garota, que já estava mais calma do que antes e dizer:

— Você parece cansada, quer uma xícara de chá? — Virou-se para a cozinha.
— Obrigada, Marcel.
— De onde você o conhece? — Noah perguntou sorrindo.
— O quê? — perguntou assustada, parecia desconfortável com a forma que ele tinha falado.

— De on-de vo-cê o co-nhe-ce? O Marcel, o grandão aqui, o nerdola, só que não — Noah caçoou.

— Ah, da escola, claro, ele é o bibliotecário. O que... o que você viu?

— Nada demais, um cara tendo um ataque de loucura. O que esperar de um cara que estava te perseguindo, né? Você sabe se ele andou fazendo umas coisas estranhas com você? Tipo roubar uma mecha de cabelo para colocar no álbum dele? Colocou uma câmera no seu ursinho de pelúcia? Colou uma foto sua na boneca inflável?

Sem saber como responder àquelas perguntas, ela simplesmente questionou:

— Ele fugiu?

— Sim, claro, mas sinceramente, não leve a mal, ele é doido. — Foi em direção à cozinha. — Vou ver o chá, pelo menos alguém tem a decência de acalmar todo mundo com uma ervinha.

Parada sozinha na sala, a jovem, conhecendo bem a fama do garoto, ou garota, de aparência branca, disse para si mesma: “Que merda, tantas casas para eu entrar, fui acabar logo nessa? Ele é assim 24 horas por dia.”

Noah chegou na cozinha e conferiu se a chaleira já tinha fervido.

— O que você acha daquela garota? — Marcel perguntou, ainda olhando para a chaleira.

— Olha, se eu tomar uns cinco *shots*, passo a considerar bonita. Pelo menos não é gorda. Mas é meio nova para você.

— Você pode ter mais respeito? Não é disso que estou falando. Tipo, ela é só uma adolescente com uma vidinha de ir pra escola e ver as amigas. Talvez devêssemos explicar o motivo sobrenatural pelo qual ela foi perseguida ou deixá-la com a vidinha dela achando que foi só um ataque de loucura do Dante...

— Decida você — falou em tom de brincadeira, como se aquilo não fosse nem um pouco importante —, não gosto de tomar essas decisões difíceis, é tipo decidir se o Luke ou o Han Solo é o namorado perfeito pra Princesa Leia.

— Sem problemas. — *24 horas por dia é essa merda*, pensou, depois encheu o bule e colocou biscoitos com gotas de chocolate em um prato. — Qual é mesmo o seu nome? — perguntou à garota na sala.

— Anne Verborgen.

— Você tem alguma ideia de quem te perseguiu ou o motivo?

— Não.

— Foi Dante Tre — falou Noah, talhando o lápis, depois correu para algum lado, desesperado por ter cortado, por acidente, a unha. — Minha manicure!

— Eu o conheço, é um homem que estudou comigo — explicou Marcel para Anne, ambos ignorando Noah —, soube que ele, depois de terminar a escola, começou a viver isolado com os pais, pela quantidade de problemas psicológicos que tem.

— Que problemas?

— Ele é muito medroso — explicou Marcel —, morre de medo de algo sobrenatural aparecer perto dele, não consegue ficar um minuto em um lugar sozinho que já pensa que algo vai aparecer de algum canto e matá-lo, ou senão o assustar a ponto de ele mesmo ter uma parada cardíaca. De acordo com ele, o pior não é nem morrer, mas ter que ver a criatura sobrenatural. Mas não é só isso, ele tem medo de tudo, suspeita de cada coisa que as pessoas fazem. Com o tempo, ele passou a se forçar para se manter calmo, independente de tudo, mas parece que perder a avó só piorou tudo de novo.

— Acho engraçado isso — Noah falou sorrindo. — Sabe, quando eu me aproximava dele, caía no chão e se arrastava para longe enquanto gemia de medo. Eu ria disso, afinal, ele era mais velho que eu, como alguém mais velho tem medo de alguém mais novo? E ainda mais, não podemos nos esquecer do anjinho de pessoa que eu sou.

— Você é um caso especial, Noah — disse Marcel, tentando calar o garoto albino.

— Especial, nunca esqueça que disse isso. Espera, tá me chamando de deficiente? — Olhou para o prato na frente da poltrona e pulou da mesa em que estava sentado. — Ah, um biscoito! — Pegou e comeu, ao terminar, procurou o lenço do seu terno para limpar a boca, mas lembrou que o jogara fora.

— Acho que vou comer — Anne disse ao parar de prestar atenção no Noah. Pegou a xicara e bebeu rápido, depois pegou os biscoitos e comeu desesperada.

— Você está mesmo com fome — comentou Marcel.

— Corri muito até decidir pedir ajuda em alguma casa.

— Sua casa é longe.

— Sim...

— Então vou ter que te levar para lá — interrompeu Marcel —, mesmo estando no interior, não acho bom deixar uma garota como você andar sozinha de madrugada; isso me traz uma pergunta, o que você estava fazendo sozinha nas ruas a uma hora dessas?

— É que... é que...

— Sabia que ela se enrolaria para responder — caçoou Noah.

— Eu estava procurando um fantasma, por desafio das minhas amigas...

— Um fantasminha camarada? Onde? — Noah tirou uma maçã do bolso e começou a comer. — Sempre quis fazer amizade com um fantasma, será que eles são todos brancos que nem eu? Maior senso de estilo...

— Noah! — exclamou Marcel bravo.

— Ah, me desculpe — Noah riu de si mesmo. — Sabe, às vezes eu me empolgo demais.

— Acho melhor irmos — sugeriu Marcel para a garota. — Levo você de carro.

— Ah, claro, obrigada.

— No caminho eu te explico o que aconteceu.

Marcel pegou o sobretudo e ambos saíram da casa. Noah ficou sozinho, aproveitando o silêncio que ele tanto amava. Olhou atentamente para a mão sangrando e pensou em algo que Marcel, com certeza, já deveria ter percebido quando Anne chegou na casa dele: se o hipnotizador a quisesse morta, já teria morrido. Queria que eles a encontrassem.



— Você é a filha do Stephen Verborgen, certo? — Marcel perguntou enquanto dirigia.

— Sou sim.

— Não consigo aceitar que ele deixaria você andar sozinha pela cidade a essa hora da noite, sua família é tão... superprotetora.

— Você ia falar rica.

— É, eu ia.

— Não entendo o motivo de você pensar assim, você também é.

— Não sou, sou apenas um bibliotecário que não ganha quase nada.

— Então os seus pais.

— Sim, os meus pais.



Noah pegou uma garrafa de uísque e encheu um copo de vidro. Bebeu, tentando se acalmar por estar ouvindo o som de dois carros se aproximando. Terminou de beber e encheu de novo, saiu de casa e viu dois carros estacionarem.

— Parece que você sempre me encontra, Louis — disse, vendo homens e adolescentes saindo dos carros com tacos de beisebol e outras ferramentas grandes nas mãos. — Eu poderia insistir que não sou assassino de bibliotecários, mas já que vocês acham isso, não há nada que eu possa fazer para convencê-los do contrário, e desse jeito é mais divertido. É incrível, nenhum de vocês foi para o funeral dele, mas na hora de se vingar vocês vêm. Ah, é, eu empurrei a Agatha do penhasco, devem ter notado o desaparecimento dela e já tão me culpando. É assustador como o povo dessa cidade só espera um motivo para me culpar. — Deixou o copo vazio em cima da cerca da varanda. — Eu odiaria que algo tão caro se quebrasse... quer dizer, meu corpo é mais valioso, mas não vou quebrar nada.

Os homens olhavam-no com ódio, como se esperassem algo da pessoa com a pior reputação da cidade, então ele continuou:

— Boa noite, cidade dos artesã...

Antes de terminar, um dos homens o acertou na cabeça com o taco de beisebol, com tanta força que o fez cair no chão. Os outros se aproximaram o mais rápido que puderam, atacando o garoto com toda a brutalidade, usando os tacos de madeira. Continuaram mais e mais, sem parecerem se satisfazer, apenas ficando mais ferozes. Gritavam:

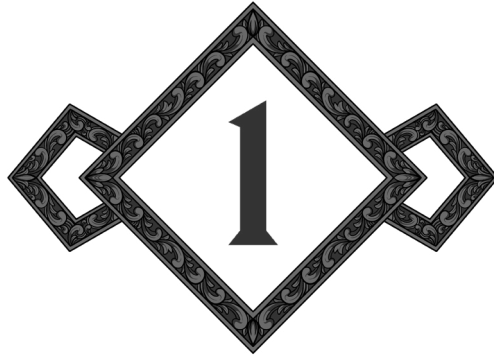
— Assassino!



Marcel dirigia pela noite, reconhecera os carros que tinham vindo naquela direção e não se importava nem um pouco com o que fariam com Noah. Depois de tudo o que tinha acontecido, estava preocupado demais com a alcunha que tinha traduzido do seu livro cinzento: o senhor das pedras.

2

Ao trabalho
que odiamos



Lá, do topo do mundo, era possível ver cada detalhe da criação devastada, de forma a reluzir nos olhos de James Mordred. O sol raiava até tarde naquele dia, e já estava prestes a se pôr enquanto iluminava todo o vale que se estendia à sua frente. Havia um rio cercado por árvores e sua pequena cidade ali instalada há muito tempo. Era o melhor lugar que poderia imaginar para acabar com tudo o que o assolava, bastava um passo para ver todos que odiava e todos com quem não se importava indo embora, talvez fosse restar apenas o silêncio, talvez um lugar melhor, ou pior, por toda a eternidade; arriscar o desconhecido parecia melhor do que continuar naquele mundo.

Antes de terminar com tudo, a única coisa que ele sentia que precisava para ter uma última satisfação era fumar mais um cigarro. Abrindo o maço, ficou feliz mais uma vez, tinha restado apenas um. Pelo menos ele não tivera trabalho desnecessário comprando o que não iria usar, mas também não ficaria sem.

— James! — Uma mão segurou na gola de sua camisa e o puxou para trás, distanciando-o da ponta do penhasco.

— Ah, você de novo não — falou, vendo todo o perigo se distanciando e aproveitando para acender e fumar o cigarro —, você não sabe me deixar em paz por um segundo?

— Se você fosse menos irresponsável... — Ela o jogou contra o gramado. — Eu não precisaria fazer isso.

— Só quero me matar, não é nada demais.

— Você tem que parar de tratar a sua vida como se não valesse nada. — Sentou-se ao lado dele na grama para ver o pôr do sol. — O que aconteceu dessa vez, para você querer se matar pela décima quinta vez?

- Os ingleses me convocaram para a Queendom.
 - Pensei que você quisesse isso.
 - Eles só se atrasaram um pouco, deixa eu contar quanto tempo. — Contou nos dedos. — 4 anos e 5 meses.
 - Então a simples ideia de que os únicos que poderiam te ajudar se atrasaram muito fez você querer se matar?
 - Basicamente.
 - Pensa pelo lado bom, se você realmente detesta essa cidade, pode ter uma nova vida na Inglaterra.
 - Vai ser a mesma merda. Sou sempre o cara esquisito que ninguém gosta.
 - Sinceramente, eu te acho esquisito e não gosto nem um pouco de você, só te salvei porque era a minha obrigação. Mas me deixe tentar dar outro argumento: você se fodeu demais naquela época, pelo que me contou, e essa Queendom, que era a única que poderia te ajudar, chegou atrasada. Se você fizer parte dela, vai poder impedir que outras pessoas passem pelo mesmo que você.
 - Então você quer que eu finja ligar pros outros.
 - Quero.
- James bocejou, arrumando o cabelo loiro enquanto olhava para o céu, onde o sol já estava terminando de se pôr.
- Você sempre teve uma autoestima baixa demais, só de olhar para você é possível ver — continuou Katrina —, seus olhos, eles expressam ao mesmo tempo choro, tédio, tristeza e sono.
 - Nunca gostei da Noruega, é pacífica demais, todos dessa cidadezinha prezam o padrão acima de tudo. Você conseguiu me convencer, vou para Londres. — Levantou-se. — Eles recomendam que todo relojoeiro tenha um fiel escudeiro, alguém que possa futuramente se tornar um também. Você quer ser a minha?
 - Não vai ser tão ruim. O que exatamente nós vamos fazer lá?
 - Matar monstros.



— Isso significa alguma coisa? — perguntou Katrina, sentada ao lado de James no avião que saíra de Bergen, na Noruega, a cidade com um aeroporto mais próxima da cidade em que os dois tinham sido criados.

— O que eu disse sobre o momento em que esse avião decolasse?

— Desculpe-me, James — disse, agora em inglês, como James tinha pedido para fazerem a partir daquele momento —, você passou a viagem inteira olhando para as estrelas. Como sei que você entende tudo das ciências ocultas, fiquei curiosa para saber se elas significam alguma coisa.

— As estrelas não significam nada, não têm nenhuma ligação com os acontecimentos da Terra — explicou também em inglês —, já que tocou nesse assunto, tenho que te lembrar, todos da Queendom são estudiosos sérios, que se esforçaram muito para chegarem onde estão, então não fale de coisas que você não entende; isso que você falou é burrice.

— Então eu só posso falar o que aprendi com você?

— Basicamente.

— O que exatamente é essa Queendom?

— É um grupo que existe há muito tempo, eles têm muitas associações com o governo. Estudam todo o conhecimento da humanidade, cada detalhe da antropologia, história, sociologia, mitologias, teologia, linguagens antigas e tudo que os ajude a entender os segredos que a humanidade escondeu, tudo sobre o sobrenatural; desta forma, os relojoeiros, como eles se chamam, são as pessoas da Queendom que vivem em vários lugares diferentes do mundo focando em conseguir novos artefatos, fontes de aprendizado e, principalmente expurgar amaldiçoados, alguns erros que ficam presos nos lugares incomodando as pessoas. As pessoas costumam

chamar erroneamente esses amaldiçoados de fantasmas, mas, de forma simples, são apenas ideias presas a lugares, que são transferidas para as próximas pessoas que passarem por lá.

— Não imaginava que velhos estudiosos tivessem o costume de passar pela adrenalina de resolver os problemas desses amaldiçoados.

— Amaldiçoados não são as criaturas dos filmes, que saem matando ou devorando pessoas, nem os supostos fantasmas, que se comunicam por todos aqueles rituais. Como eu disse, são apenas uma ideia presa a um lugar, mas, como as pessoas adoram polemizar e morrem de medo da coisa estranha afetando suas mentes, elas acabam chamando de fantasma, sendo que a maior parte do que dizem terem visto ou ouvido é só invenção da cabeça delas. Apagar uma ideia dessas pode ser trabalhoso, porque cada uma é apagada de um jeito, é o que chamamos de expurgar o amaldiçoado; o que você precisa fazer é estudar como a ideia ficou presa ao lugar e conseguir uma resolução para ela; assim ela vai embora. Por isso eu disse que isso é alvo de estudos, não de... músculos.

— Então nós vamos passar a vida inteira nos mudando de lugar para lugar para tratar disso?

— Nos mudando, não, viajando a trabalho. Parece que o diretor da Queendom confia em mim, então vai me dar o privilégio de ser um relojoeiro, mesmo com a minha idade.

— Nós podemos acabar morrendo?

— Claro.

— Ótimo, porque eu me despedi definitivamente dos meus amigos — contou Katrina —, é melhor pra minha reputação se nunca mais me virem.

— E como se saiu com a sua namorada?

— Todos os namoros que já tive foram complicados. Por sorte, eu estava solteira quando resolvemos viajar.

— Você teve sorte então. Isso vai durar a nossa vida inteira.

— Você nem se pergunta como fica a nossa família com isso?

— Eles me odeiam e, como eu sou pior que eles, é natural eu os odiar ainda mais.

— Imaginei que você fosse falar algo assim. Então não vai ter mesmo nenhum monstro para nos matar? — Ela demonstrou estar tentando mudar de assunto, já que James odiava falar sobre a família.

— Espero que não, mas de um jeito ou de outro é normal as pessoas ficarem neuróticas com esses amaldiçoados, nós vamos ser obrigados a lidar com elas, então continua sendo perigoso.



O táxi passou por incontáveis ruas de Londres, enquanto James e Katrina assistiam todo o cenário, que viam pessoalmente pela primeira vez em suas vidas. Cada casa, cada comércio, cada ônibus vermelho, cada táxi preto, mostrava a eles o cenário que só existia em um lugar, Londres. Passaram por grandes construções, marcadas por toda a história da cidade: a torre de Londres e sua grande e exuberante ponte, o King's College of London e, finalmente, o maior marco de todo o país, o palácio de Westminster, erguendo-se com sua Elizabeth Tower e seu Big Ben, soberanos em meio a todo o mundo. Os dois já tinham visitado Oslo, mas nem de perto era a mesma coisa.

— Chegamos — disse o taxista ao pararem em frente a um grande palácio em Belgravia, com suas cores dourado e branco.

Após o táxi ir embora, Katrina perguntou:

— De onde você tirou dinheiro para toda essa viagem?

— A Queenom não fornece salário, apenas dinheiro o suficiente para as despesas. Então, resumindo, vamos viver sem luxos. — Já estava acendendo um cigarro.

— Que chato.

— É. Vamos entrar.

Ao entrarem no palácio, se surpreenderam com a aparência, mal era possível ver as paredes, por estarem cobertas de quadros mostrando cenas e pessoas da história do mundo inteiro, com cores exuberantes em contraste e molduras douradas.

— Posso ajudar? — disse o recepcionista, era um homem grande e vestido de terno e gravata pretos, com colete e camisa amarelos. As mesmas cores pareciam se repetir em todos os funcionários do lugar.

— Ele é mais um segurança do que um recepcionista, só finge isso para o lugar ter esse toque tão tranquilo — disse em norueguês para Katrina e então se virou para o recepcionista, em inglês: — Sim, tenho assuntos a resolver com Troy Gregory, o diretor, meu nome é James Mordred.

O recepcionista pareceu estranhar os dois, provavelmente por serem jovens demais para terem assuntos de trabalho naquele lugar, mas, de um jeito ou de outro, olhou a lista e disse:

— Sim, seu nome está aqui, o Senhor Gregory esperou por vocês o dia inteiro. O escritório dele é no final do corredor, no último andar, então é só seguir reto.

James nem mesmo agradeceu a atenção, seguindo direto pelas escadas, acompanhado por Katrina, que estava nervosa, vendo os vários andares de bibliotecas e estudiosos, até chegarem no último escritório onde um guarda-costas, um jovem afrodescendente com mãos cobertas por cicatrizes, abriu a porta dizendo:

— As suas visitas, senhor Gregory. — Manteve a porta aberta, enquanto observava de fora os dois visitantes se aproximarem da escrivaninha, onde um velho acendia o charuto.

— Não liga para ele — disse o diretor para James —, Dan é desconfiado de todo mundo.

— Vou me sentar — disse Katrina, já que James só ficara ali, parado e calado.

— Você sabe o que é isso? — perguntou o Diretor Gregory, dando umas batidas na mesa, onde havia uma caixa com onze livros bem antigos e desgastados.

— A série de manuais de alquimia poloneses. É considerado quase impossível encontrar apenas um, é surpreendente você ter os onze.

— E mesmo assim você leu todos e aprendeu tudo o que tinha para aprender sobre alquimia.

— Sinceramente, eu os odiei, a maior parte são apenas discussões filosóficas e metafísicas, algo que não mudou em nada a minha vida e me ensinou coisas inúteis, que eu tive a decência de me esquecer.

— Esperava que você fosse dizer isso. — O diretor olhou para o lado, onde Katrina estava se sentando em uma das poltronas de couro. — Quem é essa mulher?

— Minha irmã mais velha. — James se aproximou de uma bancada, onde havia uísque para decoração, e pôs uma dose, em seguida bebeu rapidamente. — Soube que poderia ter uma acompanhante.

— É vantajoso para nós que você tenha alguém em quem confie de verdade, assim não vai precisar procurar.

— Então... — James se sentou na poltrona em frente ao diretor. — Quando vamos poder começar?

— Uma pessoa que vem para cá passa anos estudando o nosso curso para estar qualificado a trabalhar conosco e, mesmo assim, poucas passam nas provas finais, o que te faz achar que pode aparecer já trabalhando?

James tirou um maço de cigarros do bolso, pôs um na boca e o acendeu, soprando a fumaça no diretor.

— Você, mais do que ninguém, deveria saber que o tempo é precioso demais para gastarmos discutindo mil coisas que você já sabe, ou para vocês ficarem anos me ensinando coisas que eu já sei.

— Você está com tanta pressa assim? Por que não aproveita Londres antes de já querer trabalhar e estudar?

— Não sei qual o sentido da palavra aproveitar — falou James —, só quero ter o máximo de realizações possíveis, e o tempo de vida é limitado. Então, qual é a minha primeira missão?

— Escolhi a dedo. Tem um monstro a ser investigado em uma ilhazinha no mar Egeu, chamada de Tauriel...

— Turquia, sério? Queria algo importante e você espera que eu comece por uma ilha cheia de mamadores de Alá... — Ao ouvir um passo atrás de si, James se virou, um soco nos dentes dado por Dan o jogou ao chão, fazendo-o se debater, com a boca coberta de sangue.

— É proibido ofender a religião dos outros na Queendom ou em qualquer lugar, sabia? — Dan falou, exercitando o punho.

— Será que dá para se acalmar? Não precisa brigar... — interveio Katrina, já entre os dois.

— Espero que o seu salário pague esse dente — reclamou James, ainda no chão, depois de cuspir um dente ensanguentado no tapete.

— Se esse for o problema, eu pago para tirar cada um.

A resposta fez James soltar uma risada, enquanto se levantava e limpava o rosto.

— Cachorrinho legal esse que você tem, diretor. Mal posso esperar para ser o próximo dono, aí talvez eu o coloque na linha.

— Tauriel não é na Turquia, é na Grécia! — exclamou o diretor, batendo um papel na mesa e acabando com a discussão. — Ela só é disputada entre os dois países, acho que tem pelo menos uma coisa que você não sabe, Senhor Mordred. Se você quiser pegar o voo o mais rápido possível, aqui está a lista de tudo o que você tem que fazer antes, depois já pode ir.

James pegou a folha da mesa e bateu no peito de Katrina, enquanto dizia:

— Leva você, eu já sei de tudo.

— Dan, você fica, tenho algo para conversar com você — disse o diretor, enquanto James saía, junto de Katrina, sem nem se dar ao trabalho de olhar para o guarda-costas.

Na porta, James virou e disse:

— Soube que os antigos candidatos a futuro diretor morreram. Ao invés de ter que esperar o Senhor morrer, espero que tenha a decência de me passar o posto. — Foi-se.

— Não acredito que você já chegou causando problemas... — Katrina brigou com James, enquanto passavam pela ponte do último andar do prédio.

— Vá ao alfaiate, você vai precisar de roupas sociais a caráter para o trabalho. Então pode ir que eu tenho mais o que fazer.

— Para onde você vai? — A irmã perguntou.

— Brincar um pouco. — Soltou fumaça, apagou o cigarro no corrimão da ponte e depois o jogou lá para baixo.



— Com licença... — Katrina estava surpresa com o grande conjunto de roupas e tecidos dispostos na grande alfaiataria, todos do mais puro luxo, com estampas, relevos e desenhos que conseguiam dar inveja a qualquer um que gostasse de se vestir bem, mas todas seguiam as mesmas cores: tonalidades de preto, amarelo e dourado.

— Você tem... — disse uma idosa, que saíra do meio das prateleiras de roupas, surpresa ao ver Katrina; já carregava uma fita métrica na mão.

— Dois metros, eu sei, todos pensam a mesma coisa. Mas, na verdade, tenho 1,92 metros.

— Não precisa se preocupar, tem tanta roupa aqui que deve ter algo que eu possa... ajustar para você. Só vai demorar um pouco; se quiser, pode esperar ali ou ir fazer outra coisa enquanto eu procuro.

— Ah, claro, tenho que conhecer vários lugares. — Sabia da lista que Dan havia lhe entregado e ficava brava ao pensar que, com certeza, James não precisaria passar por tudo aquilo. Esperou a idosa terminar de tirar suas medidas. — Obrigada. — Antes de sair, percebeu que havia uma quantidade enorme de broches iguais, no formato da cabeça de uma criatura estranha. — O que é isso?

— Ah, é o símbolo da Queendom — explicou a alfaiate. — Um touro com juba de leão e três chifres. Estranho, não é?

— Behemoth — sussurrou Katrina para si mesma.



— O quê?

— Ah, não é nada. Obrigada, volto quando as roupas estiverem prontas.

Ao sair da alfaiataria, o próximo local da lista era uma “loja” no subterrâneo do prédio; ao descer, deparou-se não só com muitos guardas, mas com arsenais imensos de armas de fogo, que a fizeram reagir com um:

— Em que merda eu fui me meter...



No dia seguinte, Katrina se esforçava ao máximo no campo de treino, esperava que tivesse uma precisão maior.

— O que foi? — perguntou Katrina, assim que viu que o rapaz que esmurrara James no escritório do diretor, Dan, estava ao lado dela, esperando-a terminar.

— O seu irmão.

— É sempre ele. — Tirou os óculos de proteção e os tapa-ouvidos. — Não o vejo desde ontem, o que ele fez agora?

— Parece que o seu irmãozinho pegou um trem pro norte e chegou em Norwich, um dos nossos avisou que ele estava lá. Esse homem dos nossos tem a missão de acabar com um amaldiçoado, em uma pensão, que está incomodando as pessoas, deveria ser algo simples, mas ele está tentando resolver há alguns meses. O Senhor Mordred deve ter resolvido ir para lá para mostrar que sabe fazer o trabalho.

— É, isso parece ser o tipo de coisa que ele faria.

— Então o nosso diretor resolveu testar se ele é bom mesmo e oficializar essa missão como de vocês, então vá lá e o ajude.

— Tenho que pegar as minhas roupas da Queendom.

— Não, você tem que ir logo, vai perder o trem.

— Certo. — Katrina se apressou.

— A arma — disse Dan, fazendo-a perceber que tinha a deixado de lado —, conversei com o dono daqui, ele deixou você levar, nós já pagamos mesmo. Você vai precisar.



— Eu estava te esperando — disse o idoso que morava em Norwich, recebendo Katrina na estação de trem. — Sou Logan Middleton. — Estendeu a mão.

— Sou Katrina Mordred. — Ela apertou a mão do homem. — Mandaram-me aqui para... ajudar. Sou novata, então talvez eu acabe atrapalhando, então já vou pedindo desculpas e...

— Tudo bem, o trabalho já está quase terminado, o seu irmão só está te esperando para mais alguns detalhes — interrompeu o homem.

— Então eu não precisava ter vindo, né?

— Na verdade, ele precisa um pouco da sua ajuda. Chegando lá você vai entender, ele está te esperando no quarto onde o amaldiçoado estava.

— Então acho que não temos tempo a perder. — Começaram a andar. — O que tá acontecendo nessa pensão que o James conseguiu resolver tão rápido?

— Em um apartamento específico, começaram a ser encontradas folhas que surgiam do nada nos cantos. Nelas, estavam escritas o que pareciam ser trechos de livros datilografados em inglês. Pelo que li, contam longas discussões sobre política da Europa, levando em conta áreas como a ética e a justiça, porém, de vez em quando, tocam em assuntos que nos mostram que, na verdade, são os pensamentos de um protagonista enquanto passa um ano sabático viajando pela Europa.

— Isso não parece tão ruim.

— Entre. — Os dois entraram no carro e saíram em direção ao edifício. — Resumindo, as pessoas que viam acabavam lendo as folhas e ficavam muito mal com isso, pois, de acordo com elas, a narração tediosa e os temas chatos faziam terem vontade de parar de ler, mas, mesmo assim, algo as mantinha na leitura, como um vício. A maioria já saiu de lá e está se recuperando.

— E você foi mandado para acabar com ele?

— Na verdade eu já moro aqui, sou filólogo, trabalho traduzindo e transcrevendo as escrituras da idade média que são mantidas em segredo aqui e que não

podem ser levadas para Londres. Faço parte da Queendom, mas não sou um relojoeiro. Foi só uma coincidência aparecer um amaldiçoado na cidade onde vivo.

— Entendi, vocês têm muitos problemas com esse negócio de história e tudo mais. Mas o que exatamente aconteceu que você não conseguiu expurgar esse amaldiçoado?

— Nunca tinha lidado com um, então tive que fazer os procedimentos padrões que nos são ensinados durante a formação na Queendom. Pesquisei sobre todo o histórico da pensão e sobre todos os que ali se hospedaram, mas não encontrei nada, então pesquisei sobre os donos anteriores da casa até algumas décadas antes, quando o amaldiçoado ainda não existia. Então entrei num beco sem saída por não saber como ele surgiu. Não há nada na cidade sobre.

— E o James conseguiu em um dia?

— Isso mesmo... chegamos.

O Doutor Middleton parou o carro e os dois saíram. Katrina já podia ver o pequeno prédio.

— Todos que aí moravam foram embora enquanto cuidávamos disso — comentou o Doutor.

— Isso é bom.

— James quer que você vá sozinha. — Doutor Middleton parara na porta do edifício.

— Mas e se...

— Já está tudo bem, é no sótão.

— Entendi.

Subiu as escadas do prédio fétido e simples, indecisa sobre se deveria achar perigoso ou não, o que acabou assim que chegou no último andar e pegou do chão uma folha com manchas de sangue. Nem mesmo ousara ler, mas a vista daquela lauda, perfeita demais, era o suficiente para fazer a sua cabeça girar.

As folhas no chão aumentavam conforme passava por uma porta e por outra, até chegar no final do corredor, onde pôde ver James sentado em uma cadeira, de costas para o corredor; as paredes e chão estavam cobertas por incontáveis folhas datilografadas manchadas de sangue e lama. Ao entrar no cômodo, sentindo nojo da simples sensação de respirar aquele ar, pôde ver que, num canto, um velho chorava agachado no chão, com medo, mesmo assim, James se mantinha calmo fumando um cigarro.

— O que aconteceu aqui?

— Expurguei um amaldiçoado, ele já deve ter parado de sofrer — James disse calmamente.

— Como você fez isso? — Podia sentir o cheiro de sangue vindo das folhas do chão.

— Quando recebi a carta de que fui aceito na Queendom, comecei a trocar cartas com os donos desse lugar para saber o que acontecia, a fim de mostrar a minha competência para eles. Dos moradores daqui não consegui nada, a mesma coisa que o idiota que tentava cuidar disso. Então resolvi falar com os vizinhos.

“Dentre eles, consegui descobrir de um homem que, quando era novo, ouvira que sua irmã mais velha, hoje morta, conversava por uma fresta na parede das casas com um jovem chamado Norman. Isso foi na época em que o amaldiçoado surgiu; uma família morava no prédio inteiro, antes de virar uma pensão. Não havia nenhum Norman na família que morava aqui, pelo menos não um revelado ao público. Pelo que soube, era dessas famílias que gostam de seguir costumes de famílias antigas, e era costume manter escondida da sociedade uma pessoa que nascesse com alguma deformidade em um quarto escondido; bom, este quarto era o que tinha a fresta por onde ele conversava com a vizinha.

“Esse fato não foi suficiente, então, como estamos falando de um original de livro encontrado, mandei cartas para a maior editora de livros da cidade, pedindo uma lista de manuscritos que teriam recebido. Acho que fui burro, é óbvio que eles descartavam a maioria, mas descobri que os membros mais antigos da empresa tinham um desgosto pelo sobrenome da família que morava aqui, Davison; aprofundando-me um pouco mais, descobri que era por causa de uma troca de cartas exageradas entre a editora um homem que queria ser publicado, mas cujo livro era ruim demais para isso. Um homem chamado “N. Davison”. Obviamente, Norman Davison, pois não havia nenhum outro membro da família cujo primeiro nome começasse com “N”. Com isso, tive certeza da existência desse filho escondido; o amaldiçoado só poderia ser o que restou de suas ideias depois que morreu, e ficaram impregnadas nesse quarto.

“Essas ideias, que chamamos de amaldiçoado, influenciavam as pessoas que vivem aqui, fazendo-as escrever o livro sem que percebessem e jogassem as folhas no chão, depois as encontravam e achavam que tinham surgido do nada. É óbvio que o amaldiçoado desse cômodo não guardava palavras para passar às outras pessoas, isso é impossível, mas é como em um sonho, ele não consegue transmitir palavras escritas, apenas a ideia do que está escrito. Da mesma forma, o amaldiçoado só carregava as ideias de como seria a narrativa, o tema, o estilo de escrita e assim por diante, e obrigava as pessoas daqui escreverem suas próprias versões do livro.

“Este homem que você está vendo, bem aqui, pelo que eu soube, é o velho que recusou incontáveis vezes o manuscrito de Davison e explicou os muitos motivos para aquilo não ser publicado. Então, quando cheguei em Norwich, como já tinha todo o conhecimento, conseguido pelas cartas, só fui até a casa dele e o obriguei a vir para o quarto e contar para o amaldiçoado que vivia aqui um amontoado de

qualidades naquele texto, e que ele poderia ser publicado. Parece que a alma aqui parou de sofrer e foi descansar em paz, por saber que não era um escritor tão ruim quanto o mundo o fizera pensar.”

— E o sangue?

— O Senhor Middleton não te contou? A última moradora daqui se matou, cortando a própria garganta e sujando todas as folhas de sangue. A ambulância já levou. Foi quando eu cheguei com esse velho. — Levantou-se da cadeira e se virou para a irmã. — Foi mais fácil do que eu imaginei, mas me causou muito cansaço, vou dormir.

— Por que você fez isso? — perguntou Katrina, surpresa, quando viu a imagem completa do James, já vestido com as roupas da Queendom: um colete amarelo, calça e camisa pretas e um grande laço amarelo com uma gema preta onde deveria estar sua gravata. Porém, o mais surpreendente era que ele tinha feito tatuagens por todo o lado esquerdo do rosto, linhas vermelhas se propagando como chamas ou raízes.



— Quando fui à sede da Queendom, todos ficaram olhando para as cicatrizes no meu rosto, então resolvi cobri-las.

— Mas... mas...

— Eu gostei. — Aproximou-se dela. — Acabe com ele.

— O quê?

— Esse velho, ele viu demais, a Queendom não gosta de pessoas desanexadas a ela que saibam demais. Pelo que conheci dele, não tem capacidade para se tornar um membro, então a única saída é a morte. — Tragou a fumaça do cigarro. — Mas perceba que nós somos novatos fazendo muita merda, suspeitam muito da gente, os membros da Queendom vão querer saber o que fizemos e o melhor para dizer é ele. Vão torturá-lo para falar tudo e só depois o matarão. Então, para poupá-lo do sofrimento, é melhor dar um tiro na testa dele de uma vez, visto que isso ainda vai aumentar a nossa reputação na Queendom, por zelarmos pelos segredos a ponto de preferirmos eles à vida de um desconhecido.

— Eu... eu não posso...

— Você tem uma arma e gente para limpar a sujeira, então você pode. Vou te deixar pensar um pouco.

— Espera — chamou, assim que ele tentou ir embora —, se você sabia que isso ia acontecer, por que veio mesmo assim?

— É o nosso trabalho. Agora você entende o motivo de eu querer me suicidar.

— Fechou a porta, deixando-a sozinha com o velho.



Katrina se mantinha sentada no banco do trem que voltava para Londres, vendo ao seu lado James, cochilando em sua cadeira. Perguntava-se como alguém poderia se tornar tão sem coração, pois nem ela mesma conseguia entender a transformação daquela criança, que antes colhia conchas na praia para fazer um colar para ela, agora ser o monstro que a mandara matar um homem inocente.

— Como tudo isso funciona? — Tentou puxar assunto com ele.

— Seja mais específica. — Acabara de despertar.

— Como esses amaldiçoados podem existir? Quer dizer, isso não é contra as leis da física ou coisa do tipo?

— Você sabe qual a definição de uma alma? — perguntou James e, quando Katrina não respondeu, continuou. — Não existe nenhuma força metafísica, mística ou sobrenatural nos nossos corpos. Nosso corpo é movido pela mente, que é nada mais que o resultado de pulsos eletro-bioquímicos nos neurônios do cérebro. Simples assim. A alma é só o nome dado às configurações do cérebro de uma pessoa em um momento, ou seja, as configurações que contêm os traços de personalidade, as lembranças, vontades, desejos, sonhos, crenças, tudo, naquele momento. Resumindo, é só a mente.

— Isso segue muito bem o que a ciência ensina.

— Talvez siga, não faço a mínima ideia. Mas sei que se uma pessoa passa muitos anos pensando em uma mesma coisa, com a mesma configuração do cérebro se repetindo por muito tempo, seja lá uma lembrança, uma crença ou qualquer coisa, o pensamento fica impregnado no lugar. É assim que se forma um amaldiçoado. É isso que os idiotas chamam de fantasma, porque não sabem interpretar as ideias estranhas que os perturbam. Chegamos.

Ele se levantou e pegou a própria maleta, que carregava para todo lugar, apesar de Katrina não saber o motivo. Ela foi com ele pela estação de trem, pois teriam que

voltar para a Queendom, onde ganhariam uma nova missão; e ela teria que passar por aquilo de novo, mas, pior, em outros lugares do mundo.

— Vê aquele homem? — James disse para Katrina, apontando para um homem sentado, esperando um trem. Vestia terno, colete, camisa e gravata, tudo preto, o único contraste era um broche amarelo em sua lapela. — É um mercenário, claro que não trabalha exclusivamente para a Queendom, esse tipo de pessoa não é fiel a ninguém; ele acaba de ser contratado para ir a Norwich encontrar aquele velho, que você não teve coragem de matar, e trazê-lo para ser torturado e morto, já que não temos a merda de uma forma de apagar as memórias das pessoas e você não teve culhões para acabar com tudo lá mesmo.

— Aonde quer chegar?

— A lugar nenhum. — Voltou a andar.

— Entendi.



Ao chegar de volta no prédio da Queendom, ela se sentou em um dos sofás da sala de entrada. Não conseguia aguentar pensar que uma série de fatores, entre eles ser alta, atlética e ser a pessoa em quem o James mais confiava, fizeram com que ela estivesse naquele posto que tanto odiava: capanga de um merda que não tinha coragem de sujar as próprias mãos de sangue. As palavras de James ressoavam pela sua mente: “Pela vida toda.”

Ainda sabendo que estava mal, tirou mais uma vez o mapa do bolso, vendo que teria que passar mais uma vez na alfaiataria e depois na galeria de arte.

— Senhorita Mordred — começou a alfaiate, animada, assim que a garota entrou no seu recinto —, consegui muitas roupas com as suas medidas, só tive que dar uns retoques, acho que agora servem.

— Claro. — Seguiu a mulher até uma arara de roupas pretas e amarelas. — É muita coisa.

— Bom, você não vai usar as mesmas roupas o tempo todo, são só para eventos formais. Experimente alguma coisa.

— Claro. — Pegou uma calça e um terno pretos e uma camisa amarela. Só de olhar, era possível ver que realmente estavam nas suas medidas estranhas. Entrou no provador e, enquanto se despia, podia perceber que a velha estava esperando do outro lado da cortina, então aproveitou para perguntar. — Como você entrou nessa vida?

— Como assim?

— Tipo, como você veio para a Queendom? É que acabei de descobrir que eles, nós, fazemos coisas horríveis, e não entendo o motivo de pessoas aguentarem tudo isso e... eu não sei...

— Entrei porque o meu filho entrou, atualmente ele trabalha na biblioteca de Washington, estudando, como a maioria das pessoas daqui fazem. Acho péssimo quando acabo sabendo que mataram alguém para manter os segredos, mas é algo que realmente não podemos fazer nada para mudar. E não tem como sair da Queendom.

— Entendi — disse Katrina, vestindo o paletó e arrumando a gola com desenhos em xadrez —, como eu estou?

Saiu do provador em dúvida se aquelas roupas combinavam com ela.

— Está linda. — Analisou cada ponto das vestes para saber se estavam nas medidas exatas. — Se essas ficaram bem, as outras também vão ficar. Vou pedir para levá-las para o seu quarto de hotel.

— Obrigada.



James fumava mais um cigarro, enquanto se mantinha na poltrona da sala do diretor da sociedade; este fumava o seu cachimbo, assim, os dois soltavam fumaça enquanto não falavam nada. James sentia uma irritação nas tatuagens que tinha feito no rosto, peito e por todo o braço esquerdo. Mesmo tendo sido feitas há pouco tempo, ele não estava passando pomada e tirara o filme plástico. Não se importava com essas frivolidades.

— Não vai assinar? — disse o diretor Gregory, falando do contrato sobre a mesa.

— Minha irmã não deveria estar aqui para assinar também?

— Depois nós entregamos a via dela.

— Então é melhor eu avisá-la para não assinar. — Levantou-se da poltrona. — Nós não vamos vender nossas almas para vocês.

— E por que eu deixaria vocês trabalhando sem nenhuma garantia de que vão seguir nossas ordens? Por que eu não mandaria cuidarem de vocês como mandei cuidarem do homem em Norwich?

— Sem frivolidades. — Deu um passo mais para longe. — Vou ficar esperando contato.

— Entendo, tem uma coisa que eu gostaria de perguntar antes de você ir trabalhar. Por que você está nisso?

James pensou um pouco e contou:

— Minha irmã ficou doente uma vez, nenhum médico sabia o que era, pois não havia nada de errado com o corpo dela, mesmo que ela mal conseguisse sair da cama de fraqueza e estivesse sempre reclamando de dores. Ninguém acreditava em mim, mas eu sabia que via o tempo todo duas chamas brancas, uma em cada olho dela. Como reflexos que se mantinham, independente das luzes em volta. Aquilo estava acima da ciência que conhecemos hoje, alguém tinha mandado ela fazer isso, tinha mandado ela ficar doente e sofrer. E os únicos que entendiam dessas coisas sobrenaturais eram vocês, a Queendom.

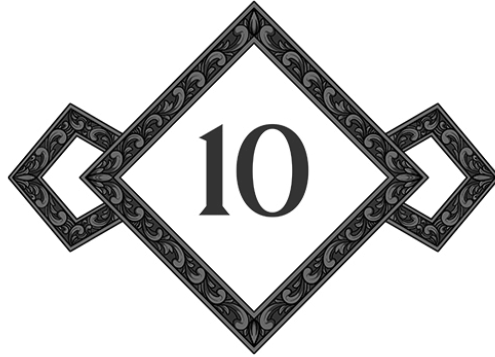
— E o que aconteceu com a sua irmã?

James pensou um pouco e respondeu:

— De repente ela se curou. A coisa, ou pessoa, que fez isso com ela, queria que eu fosse atrás de vocês; espero que vocês consigam fazer eu me encontrar com essa coisa.

— Entendi. — O diretor analisou um pouco. — Você é a pessoa mais amargurada do mundo. Noto pelos seus olhos.

— Bom saber que não vou precisar gastar saliva explicando isso. — Apagou o cigarro no cinzeiro e se apressou para sair, ao chegar na porta, disse. — Esperarei minha próxima missão, espero que seja mais difícil que a última.



Katrina acordou tarde naquele dia, tivera muita dificuldade para dormir, tanto por estar em um lugar completamente novo, quanto pelos pensamentos que não paravam de a perturbar. Ignorando as muitas roupas deixadas em araras móveis no quarto, ela se dirigiu para o banheiro, onde escovou os dentes e tomou um banho. De um jeito ou de outro, queria conhecer Londres antes de ser mandada para algum lugar para apenas ficar acompanhando James, enquanto ele ficaria estudando escrituras antigas. Seria chato demais. Quando pegou suas roupas do chão para pôr no cesto, encontrou no bolso o mapa de onde ela teria que ir e viu que ainda restava a galeria de arte nos fundos do prédio da Queendom. Por mais chato que fosse, percebeu que deveria haver algo de importante por lá.



- Senhor Gregory — disse Dan Demir, entrando no escritório do diretor.
- Algum problema?
- Mandaram-me acompanhar o novo relojoeiro e a assistente dele, eles foram resolver um problema em Norwich e...
- Eu sei, não precisa me contar.
- Não estou conseguindo entender como você os aceitou na Queendom. Os novos a serem aceitos primeiro têm que passar pelos estudos para saber com o que precisam lidar. Você aceitou um garoto de 16 anos que nem deve ter terminado a escola e que se recusou a assinar o contrato de trabalho.
- E por que você quer saber disso tão de repente? — O diretor se levantou da sua poltrona e se aproximou do ajudante.
- Fiquei curioso.
- Não, você ficou com inveja, como sempre fica quando aceito novos membros. É por isso que você ainda não está pronto, você é invejoso, impaciente e imaturo.
- Desculpe-me.
- Você se segura para tentar agir como eu quero, mas, se algum dia estiver no lugar de um relojoeiro, não vai mais conseguir se segurar. — Sentou-se de novo na sua poltrona.
- Desculpe-me, Senhor. — As mãos cicatrizadas de Dan tremiam de raiva.
- Aquele garoto é um monstro. — O diretor aspirou o cachimbo, mas então percebeu que não tinha nada. — Alguns objetos amaldiçoados são tão poderosos que qualquer um da Queendom daria de tudo por eles. James Mordred tem um desses, um objeto muito antigo que tem vontade própria, e por isso serve só a ele; dá a ele poder para conseguir expurgar amaldiçoados. Por isso, a melhor coisa que podemos fazer se quisermos ter esse objeto por perto é aceitar o garoto como alguém do nosso lado.



— Carmilla — disse Budimir Ivon, sentando-se ao lado da esposa. — Está escrevendo o relatório do expurgo daqui?

— Sim, mas acho que está faltando alguma coisa.

— O quê?

— O amaldiçoado que expurgamos era uma criança que ficava brincando em cima de uma árvore na praia leste. Os únicos horrores que as pessoas passaram aqui foi ver os galhos da árvore farfalhando, como se a criança pulasse de galho em galho. Durante o tempo em que ficamos aqui, soube de uma pessoa que foi morta na floresta ao norte da ilha.

— O médico legista disse que foi um lobo, nós temos bastantes deles aqui.

— Vi o corpo, não pode ter sido um lobo. Lobos não devoram ossos, lobos não têm uma mordida daquele jeito, na verdade, mamífero nenhum tem. Alguma coisa mais estranha do que um amaldiçoado está nesta ilha. Acho que vamos precisar de reforços da Queendom.



Katrina ficou paralisada de susto assim que entrou na galeria de arte da Queen-dom, era um corredor enorme, com as paredes repletas de quadros, com grandes variações de tamanho, encaixados perfeitamente; no meio, havia um conjunto de sofás para as pessoas apreciarem as pinturas, apesar de não haver ninguém. Quando se aproximou do primeiro quadro entendeu o motivo, lá estava pintada a cena de uma criatura em meio aos destroços de uma cidade, devorando uma pessoa, essa criatura carregava características que, junto ao tom surreal e sombrio com que a pintura fora feita, conseguiram fazer Katrina repensar se já tinha visto algo tão assustador.

O monstro, que deveria ter em torno de três metros, tinha braços e pernas compridos e finos, apesar de mostrar músculos grotescos ressaltados, e seu corpo inteiro era coberto por escamas e espinhas parecidas com as de um peixe, mas que não seguiam nenhum padrão, sendo completamente defeituosas e de formas diferentes. Nas costas, ele tinha um par de barbatanas aquáticas que se assemelhavam demais com asas e deviam servir para esse propósito.

No céu, era possível ver incontáveis outros monstros como esse voando sobre a cidade em ruínas e tomada de chamas. A ideia causada por aquelas imagens podia parecer normal, mas aqueles traços, que nenhuma foto ou montagem poderia criar, pareciam mais reais que a própria realidade, o monstro parecia estar prestes a sair para começar tal apocalipse.

Katrina andou mais um pouco, vendo no próximo quadro uma dessas criaturas molestando uma mulher coberta de feridas, enquanto outro desses monstros devorava uma criança, deixando os órgãos caírem no chão. No quadro acima, um pequeno, só havia a mão de um desses monstros puxando uma perna, uma mão tão bem detalhada que parecia mais real que a própria mão da Katrina.

Continuou andando, vendo cada um dos incontáveis quadros a perseguindo, não importava o quão mais rápido andasse, não importava o quão desesperada ela

estivesse, tentando não olhar para aquelas muitas cenas. Aquelas imagens pareciam puxar os seus olhos para elas, obrigando-a a ver, cada vez mais, um grande genocídio acontecendo na cidade de Londres.

Gritou, tentando correr no corredor que parecia nunca acabar, mas não ouviu nenhum som de alguém indo ajudar, a única porta que conhecia para sair dali era a que entrara no começo do corredor, mas estava tão desesperada correndo, que sabia que voltar não era uma opção viável.

As imagens já tinham adentrado sua mente, pois mesmo nos instantes em que conseguia fechar os olhos, indo contra a força dos quadros que a obrigavam a olhar para eles, ainda via cenas como essas; na verdade, sua mente já estava num ponto em que ela mesma criava, por pura imaginação, novas imagens, cada vez mais ameaçadoras, cada vez mais violentas.

De repente bateu na parede, caindo no chão em um baque tremendo, com a cabeça doendo pelo impacto. Tinha chegado ao fim do corredor. Lá só havia um único e imenso quadro. Nele estavam incontáveis sombras fantasmagóricas que Katrina supôs serem amaldiçoados e, sobre eles, uma sombra que ligava a todos e que evidentemente era o seu rei.



James Mordred se olhava no espelho, movendo seus dedos devagar, parecia estar se contorcendo. Fumava lentamente um cigarro pela abertura na boca da máscara de ferro que usava em seu rosto, aquela maldita máscara que ele nunca pudera parar de usar quando precisava aprender novas coisas. Pensando no que acontecia, disse para si mesmo:

— Em algum lugar do mundo, pessoas estão sofrendo controle mental para obedecer a ordens. Nesse lugar, o rei dos amaldiçoados está prestes a ressuscitar.

GARANTA O SEU



EDITORA
PENDRAGON



@editorapendragon



twitter.com/Ed-Pendragon



facebook.com/editorapendragon



contato@editorapendragon.com.br

conheça nosso catálogo
www.editorapendragon.com.br
www.lojapendragon.com.br